

## BAILE CRIOULO

Arabi Rodrigues

Voltava de uma tropeada  
 Montado num baio ruano,  
 Guasqueado pelo Minuano  
 Que sopra no mês de julho.  
 De repente ouvi um barulho  
 D'uma gaita resmungando,  
 E a negrada sarandeando  
 Num fandango de campanha.  
 Biquei na guampa de canha  
 E a tranquito fui chegando.

Meu patrício- nem te conto!  
 Era o bochincho dos “buenos”.  
 Dançava grandes, pequenos!  
 Dançava negro e mulato!  
 Mulher bonita era mato  
 Como nunca tinha visto!  
 Coisa assim eu não resisto.  
 Me solto e saio do sério,  
 Porque até mesmo gaudério  
 Também é filho de Cristo!

Em baixo d'uma figueira  
 Deixei meu baio encilhado!  
 É como diz o ditado:  
 O seguro morreu de velho,  
 Com macho não me  
 emparelho,  
 Mas por mulher me  
 desmancho.  
 Em todo baile de rancho,  
 Ali pela madrugada,  
 Se alguém perde a namorada,  
 Sempre culpam o carancho.

Bem cuidado pelo dono  
 Todo o negócio - dá lucro,  
 Que me importa o vento xucro  
 Rebolcando na quincha.  
 Se o defeito que me cincha:  
 É canha, gaita e mulher,  
 Seja lá o que Deus quiser  
 Total - não crio em assombro,  
 Boleei o pala para o ombro  
 Disposto o que der e vier.

Nem bem roncou a cordeona,  
 Já fui tirar uma china,  
 Mulata cintura fina  
 E a crina sobre a minguinha,  
 Perna lisa redondinha  
 E um olhar de caborteira.  
 Se veio toda faceira,  
 Torcendo a ponta da trança!  
 Num andar de pomba mansa  
 Saiu marcando a vaneira!

Ali pela meia noite,  
 Fui tomar uma gasosa  
 E ouvi por longe uma prosa  
 Que me deixou desconfiado.  
 Um pardo mal-encarado  
 Largou pra mim uma piada,  
 E mesmo sendo barbada  
 Eu ponho a barba de molho.  
 Coringuei de rabo de olho  
 E finge que não vi nada.

“Despacito” fui saindo,  
 P’ra conhecer o terreno,  
 Porque touro em pago “ayeno”  
 Berra fino como vaca.  
 Até valente se achaca,  
 Quando vê carreta cheia.  
 “Senta, berra e corcoveia  
 que nem gato de acabresto”,  
 Procurando algum pretexto  
 P’ra não entrar na peleia!

Mas quando cheguei lá fora,  
 Que vi meu baio tosado,  
 Foi como terem me dado  
 Um pranchaço pelas costas!  
 Vingança foi a resposta  
 Que me veio na ocasião!  
 Ferro branco nesta mão,  
 E na outra enrolei o pala  
 E rumbiei direito á sala  
 Em busca do valentão.

“Lá-pucha” – que coisa feia!  
 É negro quando embrabece,  
 Parece o diabo que desce,  
 Escarceando e dando volta!  
 -O pardo o facão me solta,

Que por pouco não me pega!  
 E dizem que a sorte é cega,  
 Não é verdade, lhe juro!  
 Gaudério de sangue puro  
 A boa cria não nega!

Senti que o pardo não era  
 De laçar com sovén curto.  
 Quem rouba e não leva o  
 furto,  
 Merece em dobro o castigo!  
 A velha adaga - comigo,  
 Saiu meio atravessada,  
 Já vi branquear a queixada  
 E aparecer ás canjicas:  
 Que nem louça quando fica  
 Com restos de marmelada!

Inda tem gente que pensa  
 Que ferro branco é brinquedo!  
 De morrer, não tenho medo,  
 Morrer mal é que me assusta!  
 Sabe Deus quanto me custa  
 Peleguar mais um inferno!  
 Me vi trocando de terno,  
 E o mundo se terminando,  
 E o diabo me convidando  
 Pra visitar o inferno!

Tirei pra fora o porteiro  
 Bem calçado num trinta e  
 oito!  
 -Coragem não é biscoito  
 Que se compra no varejo!  
 Quando em perigo, me vejo,  
 Com São Francisco me saio!  
 Toquei fogo no balaio!  
 E saí quebrando geada  
 Co’ a mulata enforquilhada  
 Na garupa do meu baio!

